

Montar um Festival Latino-Americano

Em 86, Marcantônio Guimarães imagina um festival que traga filmes do além-mar

O XVIII Festival de Brasília do Cinema Brasileiro foi realizado de 25 a 1 de outubro de 1985. Os tempos eram outros e as antigas festas e badalações ficaram mesmo enterradas no passado. Em compensação, com Luis Humberto à frente da Fundação Cultural, o Festival foi um dos mais bem organizados, apesar do pouco tempo de preparação (apenas 2 meses) e da falta de verbas. "A retomada de um Festival tão desprestigiado nos últimos anos é penosa. Fazer com que as pessoas acreditem novamente é difícil, mas vale a pena tentar", afirmava Luis Humberto.

Os filmes foram projetados no Cine Brasília e os convidados ficaram hospedados no Garvey Park Hotel. Concorreram os seguintes longas: **Pedro Mico**, de Ipojuca Pontes, **Jogo Duro**, de Ugo Georgetti, **Insônia**, filme em episódios de Nelson Pereira dos Santos, Luis Paulino dos Santos e Emanuel Cavalcanti, **Tigipió**, de Pedro Jorge de Castro, **Aqueles Dois**, de Sérgio Amon, e **A Hora da Estrela**, de Suzana Amaral.

Paralelamente ao Festival foi realizado, no auditório, Dois Candangos da UnB, o seminário **Perspectivas Estéticas do Cinema Brasileiro**, tendo como convidados especiais o cineasta cubano Pastor Vega e o brasileiro Nelson Pereira dos Santos. No Garvey Park foi realizado o I Encontro de Cineclubes do Centro Oeste e o tradicional Encontro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro.

No Cine Brasília, além da mostra oficial e do Festivalzinho, foi montada uma exposição em torno da vida e obra de Paulo Emílio Salles Gomes e outra intitulada **Os Festivais**. E diariamente às 16h00, o Cine Brasília programou uma mostra informativa do Cinema Novo, trazendo **Rio, Zona Norte, Vidas Secas, O Grande Momento e Menino de Engenho**, entre outros.

A mostra competitiva em 16 mm exibiu 41 filmes (todos os inscritos, sem seleção), sendo que destes, 3 eram longas e os outros 38, médias e curtas. Os filmes foram exibidos no Galpãozinho, diariamente às 15h00, já que de manhã foi programada a mostra **Mulheres Cineastas** no mesmo local.

O grande vencedor do Festival de 85 foi **A Hora da Estrela**, que levou os candangos de melhor filme, melhor direção, melhor roteiro (Alfredo Oroz e Suzana Amaral), melhor fotografia (Edgar Moura), melhor montagem (Idê Lacrete), melhor trilha sonora (Marcus Vinícius), melhor cenografia (Clóvis Bueno), melhor ator (José Dumont) e melhor atriz (Marcélia Cartaxo). O melhor ator coadjuvante foi B. de Paiva (**Tigipió**), a melhor atriz coadjuvante foi Iris Nascimento (**Pedro Mico**) e o melhor técnico de som foi Miguel Ângelo dos Santos Costa (**Jogo Duro**). O melhor curta em 35 mm foi **Porta de Fogo**, do baiano Edgard Navarro.

Em 16 mm, (pelo juri popular), venceu **Fala Só de Malandragem**, de Denoy de Oliveira, e pelo juri oficial venceu **Exu Piá, Coração de Macunaima**,



Marcélia Cartaxo foi a melhor atriz em 85

de Paulo Veríssimo. As crianças escolheram **As Quatro Chaves Mágicas**, de Alberto Salvá, como o melhor filme do festivalzinho.

O Festival de 86 começava com planos de se transformar em evento latino-americano no ano seguinte, já programando uma mostra informativa sobre o cinema latino-americano, realizado no Cine Clube 2 Candangos (UnB). Os convidados se hospedaram no hotel San Marco. Enquanto Ivan Cardoso reclamava da seleção de longas, que deixou de fora o seu **As Sete Vampiras e Filme Demência**, de Carlos Reichembach, alegando para isso o critério de ineditismo (os dois já haviam participado do Festival de Gramado), Carlos Augusto Calil, presidente da Embrafilme, definia assim a expectativa para o festival: "Que o público brasileiro tome conhecimento da nova safra de filmes que em breve chegará ao mercado. É uma safra muito interessante, muito promissora, e que normalmente é dada a conhecer nos festivais, verdadeiras vitrines da produção".

O Festivalzinho foi mais uma vez realizado, e teve um bom público em virtude da presença de alunos das cidades-satélites trazidos pela Fundação Educacional. No primeiro dia vieram 350 alunos de Brasília, dos quais a grande maioria estava pisando pela primeira vez num cinema.

Concorreram os longas **Vera**, de Sérgio Toledo, **Baixo Gá-**

vea, de Haroldo Marinho Barbosa, **Quebrando a Cara**, de Ugo Georgetti, **A Dança dos Bonecos**, de Helvécio Ratton, **A Cor do Seu Destino**, de Jorge Durán e **Chico Rei**, de Walter Lima Jr.

Entre os longas, venceu **A Cor do Seu Destino**, que levou ainda os prêmios de melhor ator coadjuvante (Chico Diaz), melhor atriz coadjuvante (Julia Lemertz), melhor roteiro (Jorge Durán, Nelson Nadotti e José Jofilli) e melhor direção (Jorge Durán). A melhor atriz foi Ana Beatriz Nogueira pelo filme **Vera**, prêmio dividido com Louise Cardoso, por **Baixo Gávea**, que deu ainda o candango de melhor ator a Carlos Gregório. **Vera** ficou ainda com os prêmios de melhor trilha sonora (Arrigo Barnabé, Roberto Ferraz e Tício da Mota) e melhor técnico de som (José Luiz Sasso). **A Dança dos Bonecos** ganhou um prêmio especial do juri e foi o melhor filme pelo juri popular. Ficou ainda com os prêmios de melhor fotografia (Fernando Duarte), melhor cenografia (Paulo Henrique Pessoa e Álvaro Apocalypse) e melhor trilha musical (Nivaldo Ornelas). A melhor montagem foi a de **Quebrando a Cara** (Luis Elias) e o melhor figurino ficou com Lonte Klaw, Julio Parati e Jaque Monteiro (**Chico Rei**). Entre os curtas, venceu **Quem Matou Elias Z?**, de Murilo Santos.

O Festival (1987) foi realizada pela segunda vez uma mostra de cinema latino-americano. A idéia, na verdade, era dar sequência à I Mostra do Cinema Latino-Americano,

realizada ano anterior, e promover uma outra mostra com filmes de expressão portuguesa (Portugal, Moçambique, Angola e Brasil). A falta de verba e uma tumultuada organização acabaram frustrando a idéia, parte de um plano de Marcantônio Guimarães que tinha como objetivo final ampliar as fronteiras da mostra competitiva para além-mar.

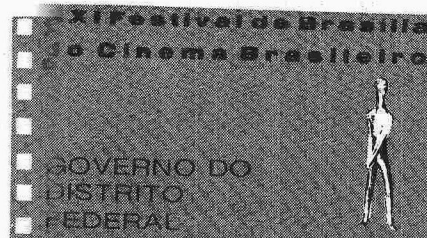
Concorreram os seguintes longas: **Leila Diniz**, de Luis Carlos Lacerda, **O País dos Tenentes**, de João Batista de Andrade, **Anjos da Noite**, de Wilson Barros, **Fonte da Saudade**, de Marco Altberg, **Fronteira das Almas**, de Hermano Penna e **Guerra do Brasil**, documentário de Sívio Back.

O Festival foi aberto com um dos filmes mais cotados: **Anjos da Noite**. O público lotou o Cine Karim e, ao final da projeção, o diretor paulista Wilson Barros subiu no palco irado pelo fato de seu filme ter sido exibido com os rolos fora da ordem correta. Barros convidou o público para uma nova sessão, mas a maioria das pessoas já se retirava do cinema cansada com o desconforto das cadeiras do Cine Karim.

O Festivalzinho homenageou Maurício de Souza, exibindo cinco desenhos seus de longa-metragem. As sessões foram no Cine Brasília, sempre às 14h00, começando com o primeiro filme de Maurício (**As Aventuras da Turma da Mônica**), um verdadeiro desafio para o desenhista: "Quería provar para mim mesmo que não era utópico produzir um longa-metragem de animação no Brasil".

A entrega dos prêmios teve o toque irreverente do apresentador J. Pingo, e anunciou: melhor longa: **Anjos da Noite**, melhor diretor: Marco Altberg, melhor atriz: Louise Cardoso (**Leila Diniz**), melhor ator: Paulo Autran (**O País...**), atriz coadjuvante: Marcélia Cartaxo (**Fronteira...**), ator coadjuvante: Paulo César Grande (**Leila Diniz**, fotografia: José Roberto Eliezer (**Anjos da Noite**), melhor roteiro: Júlia Altberg (**A Fonte...**), melhor argumento: J. B. de Andrade (**O País...**), melhor direção de arte: Marcos Weinstock (**O País...**), melhor montagem: Idê Lacrete (**O País...**), melhor música: Almeida Prado (**O País...**), prêmio especial do juri: **Fronteira das Almas**, prêmio Agfa de melhor fotografia: José Roberto Eliezer (**Anjos da Noite**). O juri popular escolheu **Leila Diniz** como o melhor filme de longa-metragem e **Avante Camaradas** como o melhor curta em 35 mm.

Entre os curtas em 35 mm, o juri oficial escolheu **Cidadão Jato** como o melhor filme. Em 16 mm, (os filmes foram exibidos no Salão Vermelho do Hotel Nacional), o grande destaque foi **Terra Para Rose**, longa de Tetê Moraes, que arrancou aplausos demorados da platéia. O melhor curta foi **Aurora**, de Renato Clasca e Beto Brant, e o melhor média foi **Carlota/Amorosa**, de Adilson Ruiz. **Terra Para Rose** levou ainda o prêmio da OCIC-Brasil.



PIQUENIQUE — Marlos Nobre assumiu a direção da FCDF em pleno andamento do Festival e Vladimir Carvalho metralhava: "O Festival perdeu em essência, visão e brilho. É um festival de carregação, as pessoas vêm aqui para se banhar nas piscinas dos hotéis. Não há debates, não há idéias, nenhum projeto cultural está por trás desse evento".



OTIMISMO — Mesmo com todas as críticas, João Batista de Andrade via uma recuperação "fantástica" no Festival de 87: "Conheci este festival no começo, como um centro de agitação cultural. Depois, nos chamados anos negros. Agora ele voltou a ser aberto, livre, e o fato de ter sido no Hotel Nacional fez lembrar os bons momentos de outros anos".



SIMPLICIDADE — Enquanto a maioria dos convidados reclamava das acomodações do Cine Karim, o ator Joel Barcellos via uma solução bem simples para a falta de uma sala de projeções adequada: "Que no próximo ano os filmes sejam projetados nas superquadras, em paredes e muros. Assim nossos trabalhos poderão ser vistos até das janelas dos apartamentos".

□ **Texto e pesquisa:** Cesar Mendes
Agradecimentos especiais às bibliotecas da Câmara dos Deputados, Senado Federal e Fundação Cultural do Distrito Federal.